

Máxi atingiria em cheio setor privado

VLADIMIR GRAMACHO

BRASÍLIA – As empresas brasileiras estão mais expostas do que nunca a dívidas em dólares e, por isso, seriam duramente atingidas por uma desvalorização cambial. Ao todo, bancos e empresas devem no exterior, entre passivos de curto e longo prazos, US\$ 99,378 bilhões, quase duas vezes o total das reservas internacionais do país.

Só neste ano, o setor privado não-financeiro captou nada menos que US\$ 10,537 bilhões no mercado internacional, resultado de 183 lançamentos de papéis e os bancos conseguiram trazer para o país US\$ 4,957 bilhões, fruto de 80 lançamentos.

Até março de 1998, segundo o Departamento de Capitais Estrangeiros do BC, o país terá que pagar US\$ 5,5 bilhões em amortizações, juros e vencimentos de papéis. É uma conta a ser dividida entre os setores públi-

co e privado e pode até ser rolada, mas será em condições menos favoráveis que há um mês.

Nos últimos anos, além de captarem mais, as empresas, individualmente, conseguiram obter volumes significativos, muito próximos até dos resultados dos bancos, que pegam dinheiro lá fora para repassar aqui. A média dos papéis lançados pelas empresas foi de US\$ 57,6 milhões. Pelos bancos foi de US\$ 62,0 milhões. O custo, em tempos de bonança e grande liquidez externa, esteve próximo dos 11% ao ano, impensável atualmente.

Bancarrota – Somando apenas as captações das empresas entre janeiro de 96 e outubro de 97, chega-se à cifra de US\$ 21,332 bilhões, 39% das reservas cambiais. Uma desvalorização de 20% do real, como sugerem vários analistas, representaria uma elevação de US\$ 4,266 bilhões sobre essa dívida, o que levaria muitas companhias à bancarrota.

O presidente do Banco Central (BC), Gustavo Franco, insiste que não há qualquer chance de desvalorização da moeda porque essa medida, na opinião geral dos técnicos da autoridade monetária, teria consequências catastróficas para a economia. A dívida das empresas no exterior daria um salto que, para muitos, buscara ser anulado com uma alta nos preços internos, reinaugurando o ciclo inflacionário.

Além disso, a corrida cambial do fim de outubro levou rapidamente US\$ 8,309 bilhões das reservas. Logo, os US\$ 53,690 bilhões restantes podem parecer muita coisa enquanto estiverem com o BC, mas contra um ataque especulativo podem se esgotar em poucos dias, como mostraram as economias asiáticas.

Nesse caso extremo, o colapso do balanço de pagamentos só seria evitado com uma desvalorização cambial. No balanço de pagamentos são contabili-

zados os ingressos de capitais com as receitas de exportações e serviços (juros, frete, remessas de lucros e dividendos, viagens internacionais) e descontadas as saídas de recursos e as despesas com importações, juros e serviços.

Para o governo federal, o custo imediato de uma desvalorização não seria absolutamente catastrófico, como poderia parecer depois que o BC e o Tesouro Nacional negociaram milhares de títulos com correção cambial, assumindo para si o risco de uma queda brusca na cotação do real.

Os dados do BC mostram que só 13% da dívida mobiliária federal (em títulos) está atrelada ao câmbio, o que deixaria R\$ 22,2 bilhões vulneráveis à desvalorização. Outros R\$ 98,9 bilhões estão em papéis pré-fixados, dos quais, R\$ 18,8 bilhões atrelados à Taxa Referencial (TR) e os R\$ 30,6 bilhões restantes estão à mercê dos juros cobrados pelo mercado.